

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SECULO



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

## CENA DE PRAIA



ENTRE AMIGOS:

- Então vaes passear com a família, de barco, sabendo que ha submarinos na costa?
- Não ha medo (apontando para a sogra). Levamos canhão á prôa.



## PALESTRA AMENA

## Excursões teatraes

Chegou a época das excursões teatraes por essas provincias fóra, desempoeirando-se a toda a pressa as casas para os espéculos, adegas e celeiros durante o resto do ano, preparando-se as meninas de Freixo-de-Pistola-a-Tiracolo para atrair a atenção do galan Timoteo e os mancebos da dita povoação para conquistarem, n'uma ceia de bifés com cebolada, a afamada atriz Fifi da Costa.

Já lá se discutem as peças: os novos optam pelo teatro moderno e os pápis indagam em carta aos seus conhecidos de Lisboa, se os dramas annunciados teem frescuras. Correspondentes da *troupe* passam os bilhetes, de porta em porta, as familias finas azôam quando já se esgotaram os melhores logares, discute-se ao jantar caseiro a despeza de quinze tostões por ano n'um camarote—e quem já viu a peça em Lisboa está áleria, não falte alguma minucia na representação provinciana, para patear, não julguem aqueles senhores de Lisboa que vão tratar com selvagens.

E distribuem-se programas heterogeneos: Fulano do teatro Nacional—porque uma vez, a pedido, foi substituir um ator que tinha de dar um copo d'agua n'um 2.º ato; cicrano, do Republica, porque foi em tempo alfaiate do Ferreira da Silva...

Na hospedaria da vila catam-se as pulgas das camas; a criada vai de casa em casa pedir loiça e um *bidet*, porque no ano anterior certa atriz, muito exigente, reclamou aquele utensilio; cossem-se lençoes para o pano de boca; o administrador do conchelo ordena lá em casa que não se ceda coisa alguma aos atores excursionistas, porque em tempos emprestára ao *centro* um chapéu de pasta, que não fóra restituído; o mestre da filarmónica unta com pez as cordas do violino; o critico do jornal da terra relê cuidadosamente as criticas das folhas lisboetas, para se orientar...

E acontece, uma vez por outra, que a *troupe* é verdadeiramente composta de artistas a valer e que não consegue agradar, pelas exigências da provincia.

Assim, ha anos, a companhia do que era então teatro D. Amelia foi a uma cidade da Extremadura, levando as primeiras figuras: Lucília, Augusto Rosa, Chaby, etc., estreando-se com a *Castelã*. Houve quem torcesse o nariz e só por uma condescendencia especial a sala não veio abaixo com pateada—porque a protagonista, no 2.º ato, não envergou o mesmo vestido que envergára em Lisboa.

E chega até a acontecer que as companhias boas são menos apreciadas do que as más, quando aquelas vão a povoações que só de nome conhecem artistas e peças e os atores das más teem o cuidado, se são os primeiros a apresentar-se, de tomar os nomes dos colegas afamados. Lembram-se da anedota do Coquelin, quando em cer-

ta cidade franceza representou depois de outros que se apresentaram com o nome do proprio? A plateia comentou:—Sim; quer imitar o Coquelin, mas não lhe chega aos calcanhares.

Emfim, as *troupes* lá andam já pela provincia, umas de atores autenticos, outras de amadores do teatro das Trinas e a todas desejamos mil venturas, como se faz mister.

J. Neutral.

## Contrabando

A ultima medida estrategica dos «boches» consiste em introduzir porcos em territorio alemão, metidos em caixões fechados, com a declaração de que se trata de cadaveres de soldados, a fim de que as alfandegas neutrais não exerçam a respectiva revista.

Os jornais aliadofilos contam este caso com admiração, não vendo que, no fundo, a fraude é pequenissima, consistindo apenas n'uma subtiliza imperceptivel.

Que diabo de diferença, afinal, ha entre um porco e um alemão? E' até possivel que as declarações para a alfandega tenham sido verdadeiras, sem



o fisco se aperceber da dita subtiliza. Eis o dialogo provavel:

—Que leva aí? pergunta o guarda fiscal.

—Um porco, responde o condutor, com toda a sinceridade.

Como o guarda tem por sinonimas as palavras «porco» e «boche» nem pela cabeça lhe passa que o condutor pretende referir se a gado suino.

Não é outra coisa.

## O espirito alheio

A bem conhecida Genoveva recebe as homenagens dum desconhecido.

Ele:

—Minha pombinha! minha gatinha! minha gazela!

A Genoveva:

—Por essa linguagem vê-se logo que o senhor é poeta...

Ele:

—Não; sou empregado no Jardim Zoologico.

## Schiau!

Aquele prudente silencio de Conrado, usado pelos chefes dos partidos politicos—com excêção do sr. Camacho, que é um linguareiro insuportavel—recebe que se rompeu de vez, desatando agora os dois a dar ao lambarão, sem



tom nem som, ou antes com tom e som, mas desafinadissimos.

Já nos dizem quantos soldados estão em França e Africa; quanto dinheiro nos custa a nossa intervenção na guerra; quantos e quais os mortos e os feridos; etc. Emfim, são tais as disposições de pôr tudo em pratos limpos, que até o chefe do governo se declarou na disposição de expôr em publico o que se passar em sessões secretas.

Sempre esperámos esta attitude, mais tarde ou mais cedo. O portuguez guardava um segredo? caso seria esse verdadeiramente milagroso.

De resto, não imaginem os ditos chefes que o publico ignorava o que tem agora vindo a lume. Suas ex.<sup>as</sup> contam tudo, na melhor das intenções, a uma unica pessoa, á mais íntima que teem nas suas relações; esta contou a outra, em condições analogas; esta, a terceira; esta, a quarta—e assim sucessivamente, acrescentando cada uma um ponto ao respetivo conto de maneira que o que acontece é agora ninguem acreditar a verdade que os chefes directamente comunicam ao publico.

Foi asneira.

## As «borlas»

Aí está um incidente minimo que por pouco não dá n'um conflito gravissimo, n'uma verdadeira revolução. Foi o caso que certo funcionario policial quiz vêr uma tourada de *borla*, n'um camarote onde outro funcionario estava assistindo, igualmente de *borla*, ao espectáculo. De aí, prisões, questões, demissões, aflições, etc.—quando tudo se teria evitado com cinco tostões.

Ora por que demonio é que qualquer autoridade ha-de deixar de pagar, se occupa logar na sala onde todas as outras pessoas pagam, logar que renderia dinheiro á empresa—que outro rendimento não tem? Vai policiar, dir-se-ha. Pois sim, mas pôde ficar no atio ou em qualquer outro sitio cuja occupação não cause prejuizos.

Dito isto em defesa das empresas, muito desejamos que elas nos continuem a mimosear com as respétivas borlas.



## Biografia do Manecas, escrita por ele proprio

(Continuação)

Assim como o meu faro policial se manifestou prematuramente, assim tambem a minha vocação para as diabruras—as *partidas*—se patenteou desde o berço.

A ama foi a minha primeira vitima. A's vezes, pela noite velha, punha-me a berrar para indicar que tinha fome e a ama, estremunhada com sono, corria ao berço para me tirar; então escondia-me para o lado dos pés, punha a travesseira no logar que eu ocupava antes e a pobre mulher lá levava a travesseira nos braços, imaginando que me levava a mim, sentava-se, cabecendo, e só de manhã dava pelo engano...

A tia Leocadia tambem cedo foi uma das minhas victimas. Um dia em que tinhamos visitas, fui á amostra ao colo da ama e ao passar pela tia Leocadia puxei-lhe com força pelo rabicho, que eu sabia postico e fiquei com ele na mão, com pasmo geral e grande desespero d'aquella santa velhinha.

Quando a ama me dava banho punha-



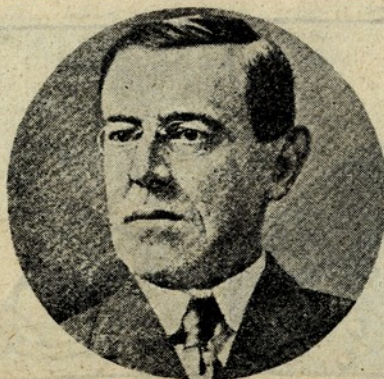
me aos pulos na agua e a atirar-lhe com ela, deixando-a completamente enxarcada. Quando me apanhei a engatinhar a minha maldade redobrou: o gato não podia parar ao pé de mim, porque eu apertava-lhe imediatamente o rabo, obrigando-o a saltar fôsse para onde fôsse, de modo que ia parar á cabeça das pessoas, aos pratos que estavam sobre a mesa, á terrina da sopa, etc.; quando algum se ia a sentar, eu sorrateiramente puxava por uma perna da cadeira e a pessoa estatelava-se, de maneira que meu pai já tinha oito galos na testa provocados por mim e o corpo da minha pobre mãe era todo nodos negros; enfim, os meus progenitores estavam ansiosos por que me levasse o diabo ou eu chegasse a idade de ir para um collegio, para se verem livres de mim.

(Continúa).

## Critica feroz

Em geral, ha nas nossas criticas teatraes certa tendencia para a compaixão—o que não será inteiramente justo,

## EM FOCO



### O presidente dos Estados-Unidos

Ora viva o meu caro Presidente  
Muitos anos e bons, ao fazer d'esta,  
Pela resolução d'entrar na «festa»  
Na qual nos envolvemos ao presente.

Na sua qualidade de valente  
E ao mesmo tempo de pessoa honesta  
Só por descuido, ou falta manifesta  
Podia da baralha estar ausente.

Já por aqui nas folhas se apregôa  
Que a não haver transtorno ou embaraço  
O temos nas trincheiras em pessoa;

A ser verdade semelhante passo,  
Faça a fineza, venha por Lisboa  
Porque desejo dar-lhe um grande abraço.

Belmiré.

mas é compreensivelmente humano, tendo além de tudo a desculpa de que a critica é em extremo subjetiva, difficil, pois, de acertar, e de que o verdadeiro critico é o publico, a quem doem as algibeiras.

A's vezes, porém, apesar d'essa benevolencia, a crueldade do homem aparece—como a de certo sujeito que, noticiando n'um jornal da noite a reaparição da *Tosca*, no teatro Nacional, aponta os seguintes defeitos de encenação:

1.º—A faca com que a Tosca mata Scarpia era de lamina redonda.

2.º—A Tosca limpou a faca a uma toalha exposta ao publico.

3.º—O quadro de Cavaradossi, no primeiro ato, não representava a Virgem, mas a descida da Cruz, com Maria Madalena aos pés de Cristo.

Encarrega-nos o encenador de responder o seguinte:

Quanto ao primeiro defeito, que a lamina tanto pode matar sendo redonda como não e que afinal toda a facada tem cura não chegando ao coração.

Quanto ao segundo, que a Tosca não se importa nada que o publico saiba que foi ela quem matou o tirano, embora o Pato Moniz seja pessoa muito simpatica.

Pelo que diz respeito á terceira falla, tem a declarar que, desde que Jesus Cristo perdoou á Madalena, ella ficou, para os devidos efeitos, no estado de donzela, sendo licita a substituição. O que não é licito é que um critico seja mais metucioso do que o filho de Deus, infinitamente justo.

E disse.

## Coisas de teatro

Na recita do ator Queiroz, ha dias realisada na Trindade, o velho e simpatico artista foi acompanhado nas *Intrigas no Bairro* por Alda de Aguiar e Auzenda de Oliveira, fazendo aquella o papel de peixeira e esta o da «mulher das melancias».

Com o devido respeito para quem fez a distribuição, parece-nos que a mulher das melancias cabia muito melhor á Alda de Aguiar. Por motivos obvios.

O *Trinta e um* vai representar-se outra vez no Eden. Vê-se que o *Amor* naquele teatro já deu o que tinha a dar. Não passou d'uma simples cubiça.

Pela 100.ª vez anuncia-se a reprise da peça *O casamento de Palmira Bastos*, sempre adiada. Supõe-se que tambem não vai d'esta, porque os trabalhos de montagem estão ainda muito atrazados.

## Filosofia do «Pê-e-mêle»

O sr. Matias adora a esposa e desfaz-se em atenções para com ella.

E' poeta—desgraçadamente, porque se é verdade que como marido é bom, como poeta é pessimo. Marido e mulher acham-se no gabinete de trabalho do rimador, que espevita com desespero a inspiração.

A esposa está lendo. De subito solta um profundo suspiro.

O poeta ergue a cabeça e surpreende o olhar de dó que a mulher lança sobre elle.

—Que tens, querida?

—Diz aqui este livro que os homens de talento tornam sempre infelizes as esposas...

—E depois?

—E depois, sou tão ditosa!

Por causa dos ladrões o sr. Dupont possui um cão dinamarque, do tamanho d'um bezerro, o qual cão costuma ladrar terrivelmente e tem uma dentuça capaz de despedaçar um boi.

Um dia, certo amigo do sr. Dupont tocou á campainha do portão de ferro. Apareceu logo o cão aos saltos, precipitando-se furioso contra as grades e ladrando ameaçador.

O visitante recuou, assustado:

—Aqui, Leão, aqui!—exclamou o sr. Dupont, acudindo. Não tenha medo, meu caro: não sabe o proverbio «Cão que ladra não morde?»

—Sei perfeitamente. Mas tem a certeza de que o seu cão tambem o sabe?



# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

7.ª PARTE

A caça ao submarino

1.º EPISODIO

(CONTINUAÇÃO)



1.—Ao chegar a Lisboa, logo o Manecas inventou que a melhor maneira de falar á policia é chama-la pelo telefone.



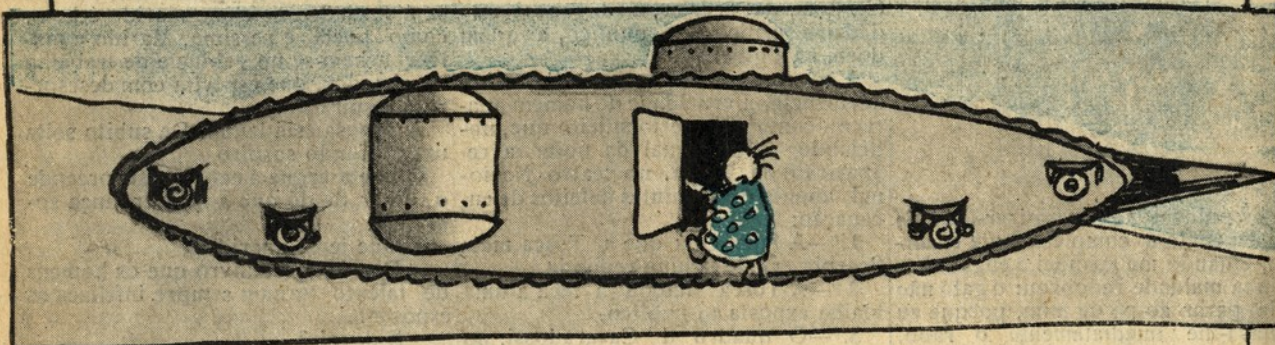
2.—E assim, um dos nossos mais habéis agentes, sabe que um submarino desconhecido está em aguas desconhecidas que rodeiam uma ilha desconhecida.



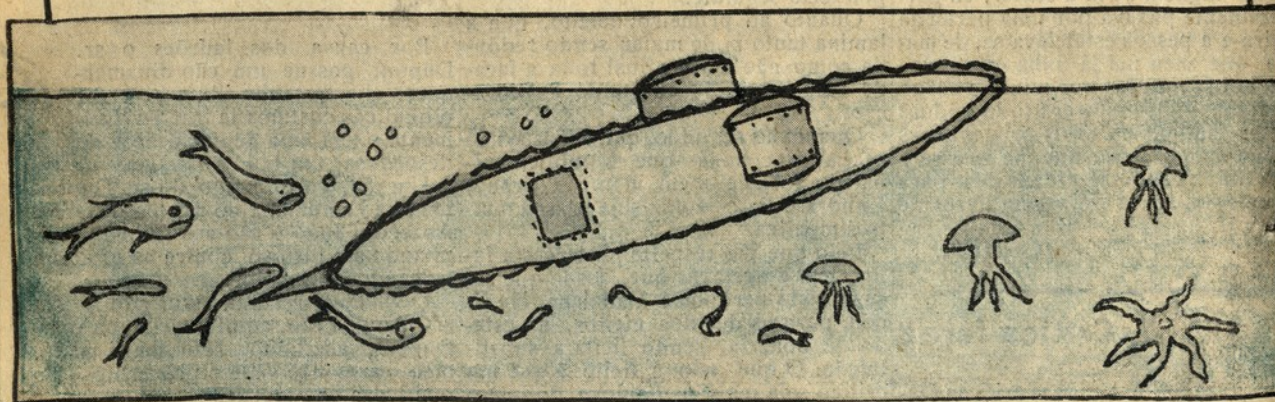
3.—Providencias vão ser dadas. Manecas partirá á conquista do submarino, mas para que ninguém saiba da partida, vae n'uma jaula.



4.—Entretanto deixa ao Quim certas instruções tão misteriosas como os intuitos do governo do sr. dr. Afonso Costa.



5.—Será este o submarino incognito? Será um novo invento do Manecas? A seu tempo se saberá...



6.—A verdade é que de aí a pouco ele voçava, quasi submerso, entre aquinodermes, protozoários, pescadinhas e outros artefactos igualmente aquaticos.

(Continua).